

ninguém falava inglês, Zagallo pediu uma enciclopédia por gestos e provou que os organizadores haviam hasteado a bandeira de Portugal. Foi necessário correr à embaixada para corrigir o erro.

Outro fato pitoresco resgatado por Silvestre foi a definição da numeração das camisas de 1958, que acabou dando a Pelé a mística camisa 10. Zagallo confirmou a ele que a numeração coincidiu estritamente com o número das malas de viagem que cada jogador recebeu no embarque.

Silvestre resgata ainda a história dos prêmios daquele título: os jogadores receberam da CBD uma TV Telefunken e um terno Duca. O presidente JK também prometeu a cada campeão um lote de mansão na futura capital, Brasília. Contudo, como em junho de 1958, a cidade era apenas um canteiro de poeira, nenhum atleta acreditou no valor daquelas terras e ninguém viajou para registrar os imóveis. Décadas depois, em um encontro com os veteranos, Silvestre calculou que cada um daqueles lotes esquecidos valia cerca de R\$ 7 milhões, provocando um arrependimento geral nos heróis do passado.

Foi também na Suécia que o Brasil inaugurou o uso da camisa azul. Como os suecos jogavam de amarelo e a Seleção não tinha um segundo uniforme oficial, os dirigentes da CBD precisaram improvisar na véspera da final. Compraram 13 camisas azuis no comércio de Estocolmo por 35 dólares, arrancaram os escudos das amarelas e os costuraram no novo pano. No próximo mês, a peça azul usada por Pelé naquele jogo será mais uma vez leiloada em Nova York por um valor estimado em R\$ 30 milhões, podendo ser ainda maior.

Alegria indescritível

Quando o militar veterano Berilo Cavalcanti, hoje com 83 anos, fala sobre a Seleção Brasileira, ele não recorre apenas à memória esportiva. Sua história atravessa praticamente toda a trajetória do Brasil nas Copas do Mundo. Poucos brasileiros podem dizer que testemunharam, mesmo que ainda crianças, o trauma do Maracanazo em 1950 e, oito anos depois, a explosão de alegria que transformou para sempre a relação do país com o futebol.



Celso Kaufman considera a vitória de 1958 a conquista mais emocionante de sua vida

A primeira lembrança que guarda de uma Copa é justamente a derrota para o Uruguai por 2 x 1 no Maracanã. Mas foi em 1958 que nasceu a recordação mais marcante de sua vida como torcedor. Naquele ano, enquanto o Brasil buscava na Suécia seu primeiro título Mundial, Berilo acompanhava a decisão de uma forma muito diferente dos torcedores atuais: reunido no hall do Automóvel Clube de Barbacena, em Minas Gerais, ouvindo a transmissão pelo rádio.

A conquista inédita permanece, mais de seis décadas depois, como sua maior emoção futebolística. Para ele, aquele título representou o fim de um ciclo de frustrações que parecia perseguir a Seleção desde 1950. Não por acaso, quando é questionado sobre qual das cinco estrelas o emocionou mais, a resposta vem sem hesitação: a de 1958. “Lembro do primeiro gol do Pelé, foi contra o País de Gales, ele deu um chapéu no defensor e garantiu a vitória do Brasil.”

As mudanças tecnológicas também ajudam a contar sua própria trajetória. Berilo viu o futebol migrar do rádio para a televisão em preto e branco, depois para as transmissões coloridas e, por fim, para a era digital. Apesar da evolução dos meios, ele acredita que a essência da emoção permanece a mesma. O que mudou, em sua avaliação, foi a forma como os brasileiros celebram os momentos de glória.

Nas décadas passadas, lembra ele, as ruas eram protagonistas da festa. Bandeirinhas cruzavam os bairros, crianças pintavam o asfalto e a troca de figurinhas fazia parte do ritual de cada Copa. Hoje, as comemorações parecem mais concentradas em bares, restaurantes e clubes, refletindo mudanças nos hábitos sociais e urbanos do país.

Entre tantas lembranças acumuladas ao longo de mais de sete décadas acompanhando a Seleção, Berilo guarda a convicção de que poucas experiências se comparam à sensação de ver o Brasil campeão do mundo. Ao tentar explicar esse sentimento para quem nunca o viveu, resume em poucas palavras aquilo que milhões de brasileiros sentiram ao longo da história: uma alegria simplesmente indescritível.

Fotos: Arquivo pessoal



Para Berilo, poucas experiências se comparam à sensação de ver o Brasil campeão do mundo